

IP

## LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA  
2011Instituto  
de Psicanálise  
da Bahia

BA

**Editorial**

*Lapsus*, desde a sua primeira edição, vem tentando encontrar um formato que estimule e encoraje os participantes do Instituto de Psicanálise da Bahia a se lançarem na produção escrita em psicanálise, buscando propiciar um espaço de informação, de interlocução, de pesquisa e de estudo.

Propomos-nos, inicialmente, a organizar uma linha editorial, definindo pautas antecipadamente - que não se efetivaram -, priorizando temas - que não vingaram-, buscando uma excelência que nos escapou a cada nova edição, nas lacunas que denunciaram nossas falhas e nossa pouca experiência. Como estamos no terreno da psicanálise de orientação lacaniana, onde a verdade é sustentada num semi-dizer, o saber é não todo e o inconsciente é o que irrompe no espaço de um lapso, podemos lidar com esses embaraços, fazendo deles restos que animam a realização de uma nova publicação.

Desta forma, cada edição é para nós um desafio e uma surpresa, isso porque deixamos *Lapsus* acontecer, a partir dos trabalhos daqueles que aqui se lançam. Os textos são dos mais variados temas, de acordo com o interesse e o estilo particular de cada autor. Definimos um padrão para *Lapsus*, que é não ser stardart, com intuito de estimular a criatividade e a produção em psicanálise, em sintonia com a ética e política de orientação lacaniana. Este é o único rigor no trabalho que desenvolvemos neste boletim.

É com este direcionamento que lançamos uma *Edição Especial*, rompendo com o formato e a ordem ordinária das edições anteriores. Assim, alinhados com o que acontece no Instituto de Psicanálise da Bahia, publicamos textos que trazem o essencial de algumas Conferências proferidas no ano de 2012 nos Cursos de Extensão e outros trabalhos.

Nesta edição, trazemos a entrevista com Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros realizada por Fernanda Dumet e Ethel Poll, que aborda a angústia como um norteador para pensarmos a direção do tratamento; Rogério Barros faz uma leitura criativa da conferência de Miller, realizada no Congresso Internacional da AMP, intitulada “*O real no século XXI*”; Anderson Viana faz algumas notas sobre o curso de Nieves Soria Dafunchio realizado em julho no IPB; e Ethel Poll traz as articulações teóricas desenvolvidas por Ana Lydia Santiago sobre a fobia e síndrome do pânico. Por fim, Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, conjuga passado, presente e futuro, aqui, ali e acolá.

Boa Leitura!

Ethel F. Poll

## SUMÁRIO

### ENTREVISTA

<b>Entrevista com Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros.....</b>	<b>3</b>
Fernanda Dumet e Ethel F. Poll	

### TEXTOS

<b>Miller, o tropicalista e o real desordeiro.....</b>	<b>5</b>
Rogério Barros	
<b>Algumas notas sobre a conferência de Nieves Soria Dafunchio.....</b>	<b>7</b>
Anderson Veloso Viana	
<b>Notas sobre o curso de extensão: Fobia e síndrome do pânico.....</b>	<b>9</b>
Ethel F. Poll	

### POESIA

<b>O passado é o presente na lembrança.....</b>	<b>12</b>
Ricardo Reis (Heterônimo de Fernando Pessoa)	

## A angústia como bússola

E - Como podemos pensar a angústia como bússola?

M.B. - Angústia como bússola, título que dei à minha fala no *Carrossel*, parece paradoxal. Como podemos pensar a angústia como bússola, quando ela é experimentada como uma ameaça de dissolução do sujeito, pois o faz perder seus instrumentos de orientação face ao desejo do Outro, quando ele perde o apoio na falta que constitui esse desejo? Ela desorienta porque o sujeito perde seu referencial para se situar em relação ao opaco do desejo que incide sobre ele como devoração, como gozo do Outro.

Porque dizemos então que ela é uma bússola? Como a angústia pode servir de orientação? A resposta a essa pergunta implica o analista, advertido de que a angústia é um afeto que não engana, como nos ensina Lacan. A questão que se coloca, então, é de como o encontro com o analista pode extrair da angústia um ponto de orientação, pois se ela não é escutada, ela desorienta e pode deixar o sujeito à deriva naquilo que o invade, sem que ele consiga sequer nomear.

Em nossa época, em que se pretende, em nome da eficácia, descartar a angústia, sufocá-la com medicamentos, torna-se necessário situarmos o valor de orientação da angústia, pois é ela que aponta o que está em jogo no desejo. Quando não se quer saber da angústia e se tenta reduzi-la antes de se perguntar sua função, se fixa o sujeito em respostas que, muitas vezes o impede de construir seu sintoma, mobilizando o que lhe é mais próprio.

A angústia serve como orientação frente ao opaco do desejo do Outro, onde se experimenta um gozo inominável excessivo, invasivo, porque ela indica o ponto em que há algo a se deixar cair para manter aberta uma falta que não se consegue preencher. Por isso é preciso se manter “na direção de abertura da angústia”(Lacan, J.: Seminário da Angústia, capítulo VI ).

A saturação da falta é experimentada como devoração e a angústia aponta para o resto irreduzível que Lacan elaborou como objeto *a*. Daí Lacan dizer que a angústia não é sem objeto e que se situa entre gozo e desejo, pois convoca uma operação de esvaziamento para que o desejo possa encontrar seu objeto na articulação do objeto *a* com  $-y$ , ou seja,

na articulação da falta inscrita pelo significante fálico (-φ) com o objeto perdido irrecuperável (*a*). O impreenchível da falta torna o acesso ao gozo menos perigoso e assustador, o que lhe permite funcionar como causa de desejo.

E - Como pensar os novos sintomas a partir da angústia?

M.B. - Essa pergunta nos leva a pensar o que dificulta ou mesmo impede o tratamento da angústia pelo desejo, que extrai dela o objeto que o causa. Ou seja, leva-nos a interrogar as modalidades de tratamento da angústia que precipitam o sujeito em atos que reiteram um gozo sem conseguir inscrevê-lo na repetição, que circunscreve a falta e relança o desejo. A reiteração do gozo é um traço presente no que se chama hoje novos sintomas?

Quando a angústia funciona como sinal, ela convoca um tratamento que inscreve e recobre o real da falta, fazendo aparecer o objeto como causa de desejo. Quando não se constitui como sinal, incluindo o Outro ao qual se dirige, ela insiste sem destinatário e as patologias do ato ou a paralização pela inibição fazem um curto circuito impedindo que ela cumpra sua função de mediar, articular o gozo ao desejo pela função do corte que ela convoca.

E - Como ler o sintoma da criança no mal estar a partir da angústia?

M.B. - De forma rápida e reduzida, podemos responder a essa pergunta dizendo que a angústia indica que o sintoma é sempre a marca de um fracasso, na medida em que ele não eliminará nunca a falha da qual a angústia é sinal. Então, podemos dizer que ler o sintoma da criança no mal estar que ela dirige ao analista, consiste em poder conectá-lo com essa falha e extrair dela um efeito separador. Com isso, fazemos existir a relação da angústia com o inconsciente enquanto ele sustenta a ex-sistência do real, ou seja, enquanto se constitui como limite do sentido. Isso nos leva a ler, nas construções das crianças em análise, a forma pela qual elas tentam responder pela falta no Outro sem pretender preenchê-la com sua resposta, o que pode instaurar para cada uma a dimensão separadora do sintoma. E, assim, abrir novos caminhos na relação do sintoma com a angústia, dando a esta última um tratamento que não vai contra o surgimento do desejo. Considerar que a angústia já é uma defesa, como faz Lacan no Seminário sobre a Angústia, leva-nos a pensar o que constitui um sintoma como defesa contra a angústia. Com esse paradoxo da angústia como defesa e defesa contra a angústia, Lacan nos

mantém conectados ao elemento fundamental na constituição do sujeito pelo significativo, o furo que ele inscreve e que não pode ser eliminado, sob pena da anulação do sujeito. É porque a angústia já é uma defesa que ela indica o que o sintoma evita ao se defender da angústia. Quando não se pode entrar em contato com sua angústia, quando se pretende evitá-la a qualquer custo, perde-se a bússola que singulariza.

## MILLER, O TROPICALISTA E O REAL DESORDEIRO

Rogério Barros

“*Onde não queres nada, nada falta*”, dizia Caetano em seus “*Quereres*”, intrigando quem se deleitava da sua poética lá na década de 80. A descoberta do tropicalista foi a de que a falta é inerente ao desejo e a partir daí se inicia qualquer aventura. Mas, mesmo para os herdeiros da geração hippie e sua crença no amor livre e pleno, esta frase chama atenção: inferimos dela a existência de outro registro, onde nada falta. Não seria este outro nome para o real? É nesta direção inquieta que comento a conferência de Miller realizada no Congresso Internacional da AMP, na Argentina, , intitulada “*O real no século XXI*”.<sup>1</sup>

Desde o título, um estranhamento se faz presente e Caetano, ainda ancorado sobre o esteio simbólico, questiona: se para o real nada falta, como pode haver, na passagem dos séculos, alguma modificação, que sugere uma desordem? A proposta de Miller, ao final do congresso que dá direção teórica para o estudo da psicanálise ao ano que se inicia, nos remete a um novo esquema: se intuitivamente formulamos haver o real desde a estrutura da linguagem, agora é o momento de pensarmos na ordem inversa, ou seja, do real a estrutura. Trata-se – pontua Miller - de uma teoria dedicada à atualização da prática analítica, interessada nos novos contextos, condições e coordenadas para o século XXI, deixando para trás o século XX; renovando a prática, conseqüentemente, revona-se o novo passante.

A prevalência dos discursos da ciência e do capitalismo e seu efeito de quebra da estrutura da experiência humana já se nos apresenta enquanto uma realidade cotidiana. Esta combinação de discursos cresceu a tal ponto que os fundamentos profundos da

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2493&intIdiomaArticulo=9>. Acesso em 13 mar. 2013.

nossa tradição foram postos ao chão, gerando como consequência a mudança na ordem simbólica. O Nome-do-Pai, função chave da prática analítica, está reduzido, menosprezado, por não ser, senão, uma suplência de um furo. Como efeito, nos encontramos num curto-circuito: todos loucos!

Para pensar o século XXI, torna-se necessário seguirmos não mais na direção da desordem e mutação do registro simbólico, senão nos orientarmos pela desordem do real, sendo este o novo paradigma.

Há muito tempo, o real se chamava natureza, sendo este o seu nome, quando não existia desordem neste registro. O real era o que sempre voltava ao mesmo lugar, fixo, oposto ao significante, que era sempre surpreendente por se substituir metaforicamente e metonimicamente. Imóvel e imutável, o real tinha a função de Outro para o Outro, sendo a garantia da ordem simbólica; era tecido de significantes fixos para a qual deveria-se imitar. Em síntese: a natureza era compreendida como real da ordem simbólica.

Miller pontua que, com o advento do Cristianismo, a ordem natural cedeu lugar à ordem divina, encarnada por Deus. Assim, à religião coube manter a ordem do real. Séculos mais tarde, percebemos que esse papel está delegado à ciência, entretanto, com uma peculiaridade: com o intuito de desvelar as leis naturais, este discurso pretende calar a natureza, afastando-se das surpresas que foram tão caras a Alquimia, por exemplo. Não há mais encantamento, só escritura. “Distante da ciência, não estaria à psicanálise mais próxima da mágica?” – questiona o conferencista.

O que aí se rechaça é o que ainda persiste para além deste Deus matemizado. Supor que há saber no real seria, pois, o último véu a se levantar. Porém, deste raciocínio, é possível intuir que no real há leis, o que denota que ainda, para tentarmos nos aproximar dele, estamos orientados por formulações simbólicas. O saber não é nada além de uma elucubração sobre o real. Não é disso que se trata o real desordeiro.

Para o século XXI, a clínica lacaniana deve desmanchar suas defesas, apontando o interesse para o inconsciente transferencial na sua vertente real. Com isto, haverá a libertação do sentido, já que, no último Lacan, o real é borromeano, zona irremediável da existência, onde não habita qualquer sentimento humano - espaço em que o real se encontra despido.

O trajeto proposto, então, da opacidade ao sentido à estrutura, indica que a noção de causa e efeito não se sustenta se considerarmos a ruptura do real sem lei. Frente àquilo

que resiste a qualquer nomeação, o tropicalista, ainda inquieto em seu ser que não encontra sossego nos *quereres*, transpondo em lírica o seu ponto cego, reclama: “*bruta flor, bruta flor*”.

## ALGUMAS NOTAS SOBRE A CONFERÊNCIA DE NIEVES SORIA DAFUNCHIO

Anderson Veloso Viana

No encontro de Nieves Soria Dafunchio, em julho de 2012, em Salvador, tivemos a oportunidade de aprender um pouco mais sobre os nós em psicanálise e vou tentar transmitir o que ficou pra mim na ocasião. Nieves iniciou sua transmissão com uma frase que faz pensar: a estrutura é o nó. E nos esclareceu em uma comparação com o animal não humano. Neste, o que faz o anodamento é o instinto e este só conta com o os registros real e imaginário. Já no ser falante, ao contrário do animal, a perturbação é que o imaginário e o real estão soltos de saída. No autoerotismo, experiência vital no início de nossas vidas, o imaginário não está anodado com o real do corpo. O simbólico irá cumprir este papel.

Em um primeiro tempo, os três registros estão soltos. Já num segundo tempo, no lugar do instinto, temos o simbólico. De acordo com Nieves, o que fenomenicamente é o desenvolvimento da criança é a efetuação da estrutura. Neste sentido, o que Nieves trouxe de muito interessante é que na obra de Lacan sempre houve uma partição do simbólico e, como consequência, temos o seguinte: os registros não estão harmonicamente enodados, ou seja, o nó borromeano de três não existe: sempre há lapsos e, se o nó borromeu existisse, não haveria sintoma.

Tanto no esquema L como no esquema R há uma partição do simbólico. No esquema L, o simbólico é partido em dois lugares e, no esquema R, em dois significantes fundamentais, o Nome-do-Pai e o falo. Também, no esquema ótico, há uma partição em dois: o simbólico está partido entre o espelho plano e a linha perpendicular ao espelho. Por fim, posteriormente, entre S1 e S2 no discurso.

Passemos agora para o nós na psicose e na neurose. De acordo com Pierre-Gilles Guéguen, o dispositivo analítico produz o sintoma e a interpretação primordial lhe dá forma. Esta, afirma o autor, não apontará ao real do mesmo modo, na psicose e na neurose. Não reproduzirei as gravuras por dois motivos: por uma questão de espaço e por acreditar que é preciso uma mediação para um melhor entendimento destas. Darei preferência a alguns exemplos em forma de prognóstico na medida das minhas

possibilidades, advertido que esta não é uma prática nossa sem que o sujeito esteja contemplado. Fica então a título de ilustração.

Na neurose, o anodamento é borromeu e não há interpenetração. Se os nós são cortados nos mesmos registros formando um duplo lapso, os três registros se soltam. No sintoma conversivo, característico da histeria, o enodamento acontece entre o simbólico e o real. O caminho do pai é uma possibilidade em análise e um fim de análise é um horizonte possível com uma nomeação aí. Já quando há uma duplicação do simbólico sobre o imaginário temos o “amor ao pai” como outro fenômeno característico da histeria. Este é um sujeito que provavelmente conseguirá um fim de análise, mas sem que um significante primordial caia e sendo assim, o sujeito terá que se haver com isso.

Na neurose obsessiva, por sua vez, quando o registro imaginário duplica sobre o simbólico temos a dúvida obsessiva como sintoma. Este sujeito logrará um fim de análise, mas com muito esforço e, quiçá, muitos analistas. A possibilidade da renúncia em tapar os furos virá pela histerização na medida em que o Outro se torna menos consistente. Nos rituais, cerimônias e ações sintomáticas, o registro duplicado é o imaginário, mas sobre o registro do real. Este é um sujeito que não chega tão facilmente a um analista e que também levará um bom tempo para um fim de análise. Será que leva uma análise adiante? Esta é uma questão pra mim.

Na fobia, quando a angústia é massiva, o real duplica sobre o imaginário. Nesses casos, não temos como avaliar prognóstico já que a fobia é uma plataforma giratória e o sujeito, neste momento, deve estar presente para qualquer avaliação. Quando ainda temos um sintoma fóbico específico, o que temos é uma duplicação do real sobre o simbólico.

Na neurose então, temos sempre um anodamento borromeu e os lapsos acontecem em dois lugares, produzindo uma duplicação de um registro sobre o outro, mas sem interpenetração.

Os lapsos na psicose são mais diversos. O anodamento não é borromeu e há um só lapso, o que produz interpenetração de um registro sobre o outro e um registro está solto em alguns casos. Não há duplicação de um registro sobre o outro como na neurose. Na esquizofrenia, por exemplo, quando há perda da unificação do corpo, real e simbólico se interpenetram com a mesma consistência e o registro imaginário está solto. Na paranóia, por sua vez, os três registros se interpenetram e têm a mesma consistência. Na parafrenia, o simbólico e o imaginário se interpenetram, sendo que o registro real



está solto. Neste caso, o sujeito é puro semblante ou como diria Lacan, um vestido sem corpo. Na mania e na melancolia, os registros real e imaginário se interpenetram sendo que o simbólico está solto.

Nieves também trouxe os nós na histeria no segundo dia do encontro e registro aqui algumas coisas que me chamaram atenção particularmente. A outra mulher e o amor ao pai, signos típicos da neurose, podem estar presentes em uma estrutura psicótica. Isso vai depender do seu estatuto, se é ou não dialetizável, ou seja, atravessado pela função da castração. De acordo com Nieves, sempre que há uma estrutura histérica, há um discurso histérico, mas o contrário não é verdade. Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre os nós sociais entre sujeitos com estrutura paranoica. Neste caso, o pequeno outro funciona independente de sua subjetividade. Entretanto, isso fica para outro texto que, se tiver fôlego farei: a estrutura paranoica e o nascimento e a manutenção dos partidos de oposição! Não podia deixar de usar este espaço para esta pequena provocação!

## **NOTAS SOBRE O CURSO DE EXTENSÃO: FOBIA E SÍNDROME DO PÂNICO**

Ethel F. Poll

Ana Lydia Santiago esteve presente no IPB, nos dias 24 e 25 de agosto de 2012, ministrando o curso de extensão, *Fobia e Síndrome do Pânico*.

A convidada, inicialmente, buscou traçar uma diferenciação entre o pânico e fobia. A síndrome do pânico é situada do lado da angústia pura, sem localização, onde o sujeito se confronta com a falta de objeto, por outro lado, a fobia é entendida como uma solução precária, improvisada diante do excesso do gozo do Outro.

O percurso teórico desenvolvido nestes encontros partiu do texto freudiano *Três ensaios da teoria da sexualidade* (1905), passando por Lacan no Seminário *A relação de objeto* (1956) e *Instante da letra no inconsciente* (1957); e Miller no Seminário *Donc* e no Seminário *A lógica da direção da cura*.

Do texto de Freud (1905), a convidada trabalhou detalhadamente os tempos da teoria da sexualidade infantil, alertando que este desenvolvimento não é linear, mas sim marcado por rupturas e descontinuidades, ou seja, pela castração que deixa marcas no psiquismo. Deste modo, podemos pensar, por exemplo, que o preponderante não é a

amamentação, mas o desmame, porque algo interfere na relação oral e fixa no psiquismo a imago materna.

Ana Lydia marca a importância dessas rupturas, dizendo que, quando elas não acontecem, isso é perturbador para o indivíduo e tem como correlato um excesso de gozo no corpo. É neste ponto que a fobia aparece como uma necessidade de que algo se interrompa.

Sobre o desenvolvimento sexual infantil, destaca no primeiro tempo (0-02 anos), algo da ordem de uma perda primordial, a partir da qual os objetos substitutivos podem se inscrever. Lacan localiza a perda primordial como algo que acontece no nascimento (a criança perde algo e a mãe perde também). Ana Lydia aponta para o que de real tem nestas perdas, que são da ordem da castração. Inicia-se, então, para a criança nesta fase a constituição do corpo pulsional na relação com o Outro materno, Outro este marcado pelas experiências de castração.

Com o primeiro despertar da sexualidade (2-5 anos), a criança sai da relação dual com a mãe, deixa a via de satisfação autoerótica e passa a se interessar por tudo que acontece ao seu redor (pulsão de saber). A pergunta “de onde vêm os bebês?” guia a criança neste primeiro despertar. Ana Lydia destaca que este desejo de saber pode ser traduzido como horror da castração, ou seja, o que a criança tem que descobrir neste tempo é a castração materna e sobre isso ela não que saber. No caso de Hans, o que vemos é que ele constrói falsas teorias para não saber da castração materna.

Chegar à resolução desta questão é fundamental, destaca Ana Lydia, é algo que a criança tem que inventar, mas às vezes, as circunstâncias oferecidas pelo Outro não propiciam esta conclusão, e por outro lado, o não resolver esta questão é da ordem de uma oposição em relação ao saber. Com Hans, o que aparece é uma dificuldade de finalizar esta questão.

No final do segundo tempo, começa o período de latência (05-11anos), onde as forças inibitórias vão ajudar a criança a manter a sexualidade recalcada. Depois deste tempo, temos o segundo despertar da sexualidade, a puberdade, caracterizada pelo nada de saber do outro sexo e a difícil tarefa de troca de objeto.

Assim, a sexualidade infantil, a partir dos textos de Freud, seria a transformação do infans em sujeito do desejo por um processo complexo de constituição do corpo pulsional, onde a criança, nesta trajetória, realiza as investigações sexuais que culminam na elaboração de uma fantasia para sustentar a sua posição sexual.

Da leitura que Lacan faz do caso Hans no texto “A relação de objeto” (1956), Ana Lydia, destacou o efeito devorador do desejo da mãe, desejo este fortemente insatisfeito e marcado pela procura de algo que possa satisfazê-lo. É deste modo que Lacan expõe as conseqüências clínicas da sexualidade feminina para todo sujeito, é um Seminário sobre a criança, enquanto solução possível da falta feminina – Metáfora infantil. Segundo Miller, a tese fundamental apresentada por Lacan neste Seminário é que o determinante para cada sujeito é a relação da mulher, que se encontra como sua mãe, com sua própria falta.

O surgimento da fobia pode ser explicado então, quando há uma fragilidade do processo de metaforização do desejo da mãe, efetuado pelo Nome do Pai. Assim, o significante fóbico representa um arranjo provisório de substituição do Nome do Pai que não ocupa seu lugar diante o desejo da mãe.

No texto de Lacan “Instante da letra no Inconsciente”, a fobia é definida como um cristal significante, que diante de um circuito simbólico carente vem para responder aos enigmas do sexo. No caso de Hans, ele arruma uma solução curativa e improvisada; desenvolve de forma mítica esta questão da fobia para poder situar algo da sua posição sexuada. Neste sentido, Ana Lydia, sinaliza que a fobia não é um problema, mas uma tentativa de solução de um problema.

Toda a problemática de Hans, de acordo com Ana Lydia, tem haver com algo insuportável das relações que ele estabelece com o gozo passando pelo Outro, que nada mais é que uma questão do gozo fálico. A fobia evidencia, de certa forma, o excesso de gozo no corpo. Este problema, segundo Miller, não é solúvel sob o reinado da mãe; é sob o reinado do pai que deve ser levado a cabo esta questão, mas como este campo em Hans é carente ele encontra sua solução pela via materna (entrada da avó paterna e fantasias de ter filhos da mãe). Deste modo, nos indica Miller em “Donc”, Hans encontra claramente uma solução curativa, mas não uma solução analítica.

No encerramento do curso, Ana Lydia faz algumas considerações sobre a fobia, pânico e os novos sintomas. Sinaliza que na fobia existe a possibilidade de inscrição do Nome do Pai e da função fálica, e que nos novos sintomas, apesar da referência ao Nome do pai, a função fálica é zero. Dentro destas perspectivas, diz que podemos situar a síndrome do pânico tanto do lado da fobia, como do lado da lógica dos novos sintomas, afastando-a da psicose onde se evidencia Nome do Pai e função fálica zero.

## POESIA

O Passado é o Presente na Lembrança

Se recordo quem fui, outrem me vejo,  
E o passado é o presente na lembrança.  
Quem fui é alguém que amo  
Porém somente em sonho.  
E a saudade que me aflige a mente  
Não é de mim nem do passado visto,  
Senão de quem habito  
Por trás dos olhos cegos.  
Nada, senão o instante, me conhece.  
Minha mesma lembrança é nada, e sinto  
Que quem sou e quem fui  
São sonhos diferentes.

Ricardo Reis, in "Odes"

Heterônimo de Fernando Pessoa

## SUBMISSÃO DE TRABALHOS

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com *LAPSUS* suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)

### Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela Equipe Lapsus antes publicação.

\*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

#### **EQUIPE LAPSUS**

Anderson Viana, Ethel Poll, Laíz Rodrigues, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França.

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)